

A IMPORTÂNCIA DA IMITAÇÃO, DA GRAÇA E DA GRATIDÃO NA FORMAÇÃO DE UMA AUTÊNTICA COMUNIDADE EM KIERKEGAARD

*THE IMPORTANCE OF IMITATION, GRACE, AND GRATITUDE
IN THE FORMATION OF AN AUTHENTIC COMMUNITY IN
KIERKEGAARD*

Thiago Costa Faria¹
Rodrigo Carqueja²

RESUMO

O presente artigo trata da questão da comunidade (*Menighed*) em Kierkegaard, relacionando-a a alguns conceitos-chave do cristianismo, tais como imitação (*Efterfølgelse*), graça (*Naade*) e gratidão (*Taknemlighed*). Veremos como esses conceitos se relacionam entre si e de que maneira cada um contribui para que a comunidade se torne real. O primeiro desafio é, entretanto, definir o conceito de comunidade em Kierkegaard. Mostraremos que a gratidão surge a partir de uma relação mais íntima com o Modelo (*Forbilled*), em que o indivíduo se põe como indivíduo singular (*den Enkelte*) diante do Modelo e é por este auxiliado e, mais do que isso, reconhecido em sua singularidade. Este reconhecimento e este auxílio são, por sua vez, fruto da graça. Mostraremos de que maneira a graça é justamente aquele elemento que torna possível tanto a imitação quanto o caráter universal e aberto da comunidade.

¹ Doutor em Filosofia. Professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT), atua em regime de dedicação exclusiva no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, *campus* Itaguaí (CEFET/Itaguaí). *E-mail*: thiagofilosofia@yahoo.com.br

² É doutorando na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), leciona como professor substituto no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ – Campus Rio de Janeiro) e é professor docente I da Secretaria de Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC – RJ). *E-mail*: rodrigocarqueja@gmail.com

A comunidade não é prioritária ou necessariamente uma forma de associação política, mas antes de tudo espiritual.

Palavras-chave: Kierkegaard. Imitação. Graça. Gratidão. Comunidade.

ABSTRACT

This paper addresses the concept of community (Menighed) in Kierkegaard, by relating it to some other key concepts of Christianity, such as imitation (Efterfølgelse), grace (Naade) and gratitude (Taknemlighed). We will show how these concepts relate to one another, and how each one of them contributes to making community real. Nonetheless, the first challenge is precisely to define the concept of community in Kierkegaard. We will show that gratitude arises from a closer relationship with the Prototype (Forbilledet), in which the individual puts itself as a singular individual (den Enkelte) before the Prototype, being aided by and recognized in its singularity by the latter. Such aid and recognition are, by their turn, fruits of grace. We will show how grace is precisely the element that makes both imitation and community possible. Such community is not primarily or necessarily a form of political association, but rather a spiritual one.

Keywords: Kierkegaard. Imitation. Grace. Gratitude. Community.

O filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) falou muito pouco acerca do conceito de comunidade (*Menighed*) na sua obra. Talvez isso se deva ao fato de que ele tenha preferido empregar as suas forças atacando as instituições, o pensamento e o estilo de vida em voga na sua época e, em particular, na Dinamarca. Toda a polêmica de Kierkegaard contra a cristandade (*Christenhed*) pode ser resumida na seguinte denúncia: ao contrário do que a maioria dos dinamarqueses pensava e do que as esferas políticas sustentavam oficialmente, aquela sociedade não era uma autêntica comunidade cristã. Era necessário primeiramente desfazer a ilusão com a qual todos compactuavam para em seguida, de acordo com o filósofo de Copenhague, reintroduzir o cristianismo na cristandade.³ E é justamente a partir de tal esforço que podemos entender, por um lado, a intensidade dos ataques panfletários contra a própria Igreja e contra os líderes religiosos e intelectuais de Copenhague e, por outro, a escassez de referências sobre a questão específica da comunidade – inclusive nos seus diários e nos seus discursos assumidamente cristãos.

Kierkegaard nos informa que só tardiamente (a partir da década de 1850 e, possivelmente, um pouco antes, entre 1848-1849) entendeu que a cristandade ignorava a parte essencial do cristianismo, a saber, a imitação.⁴ Parece-me crível, portanto, que para o filósofo dinamarquês a cristandade ainda guardava alguma relação de verossimilhança com o cristianismo, e tudo o que ele queria com as suas obras (inclusive as que ele escrevia sob pseudônimos) era que aqueles que se diziam cristãos se aprofundassem ainda mais no cristianismo e na sua própria interioridade – sendo este último a própria condição de possibilidade para que

³ Cf. p.ex. KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. XI1 A 476 n.d., 1854. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967: “Com a ajuda da desonestidade barata da mediocridade, a cristandade conseguiu perder os protótipos completamente. Nós precisamos reintroduzir os protótipos, fazê-los reconhecíveis, algo que só pode ser feito por um: ou-ou. Ou você tem uma qualidade em comum ou você está em outro nível qualitativo – e não esse ‘também – bem, não tanto, mas não obstante – também’”.

⁴ Cf. KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X4 A 558 n.d., 1852. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967: “Mas suponha agora (algo de que eu não estava ciente no início) que a pregação prevalecente na cristandade deixa de lado algo essencial para a proclamação do cristianismo – ‘imitação, morrer para o mundo, nascer de novo, etc.’ – então nós na cristandade não somos cristãos, e aqui a ênfase deve estar no reconhecimento. Como indicado, meu lugar é no nível mais baixo do reconhecimento direto – nomeadamente, que toda a [minha] autoria é [para] minha própria educação”. Ver também Pap. X4 A 553 n.d., 1852.

alguém se torne verdadeiramente um cristão. Então, na primeira fase da sua autoria,⁵ o cristianismo “ainda existia” e todo o esforço era para que as pessoas pudessem se voltar genuinamente a ele. Na segunda fase, Kierkegaard se dá conta de que, na verdade, o cristianismo já não existia mais, que a cristandade sempre tinha sido uma fraude. Enquanto na primeira situação o autor dinamarquês achou necessário adotar o anonimato a fim de, indiretamente, auxiliar os seus contemporâneos, na segunda situação se convenceu de que era preciso comunicar franca e abertamente a ilusão da qual todos sofriam – testemunhando, com isso e com a própria vida, o que era de fato seguir a Cristo e colidir com o mundo.⁶

Talvez Kierkegaard não tenha se preocupado tanto em explicitar o que é ou como deveria ser uma autêntica comunidade porque, de uma forma ou de outra, todos teriam esse conhecimento e saberiam, no fundo, reconhecê-la. Mais do que isso, sabiam exatamente o que deveria ser feito a fim de tornar essa comunidade real. Tratava-se não de uma questão teórica, mas propriamente de uma questão ética, relativa a um modo de ser, a uma prática. E quando se trata do ético, assim como quando se trata da comunidade, as considerações mais profundas e sofisticadas são, ao mesmo tempo, as mais superficiais e desnecessárias. Afinal, de um ponto de vista ético, agir é sempre e infinitamente mais urgente do que teorizar acerca de um conceito. E, não obstante, vale a pena acompanhar essa longa explanação – a qual, aliás, é muito mais uma admoestação – que o filósofo dinamarquês realiza acerca da natureza do ético:

O que, especificamente, é o ético? – Bem, se coloco a questão dessa forma, estou perguntando não eticamente acerca do ético, estou colocando a questão da mesma maneira que a era moderna, com toda a sua confusão, a coloca, e então não posso pôr um fim nisso. O ético pressupõe que cada pessoa saiba o que é o ético, e por quê? Porque o ético exige que cada pessoa deva realizá-lo

⁵ Podemos situar o final dos anos 1840 – mais precisamente após o caso Corsário, em 1846, em que Kierkegaard foi sistemática e publicamente atacado por meio de resenhas, comentários e, mais marcadamente, caricaturas veiculadas pelo jornal satírico *Corsaren* – como uma fase de transição em que o filósofo dinamarquês começa a se preparar para atacar sem rodeios a Igreja Oficial Dinamarquesa. É justamente nesta época que surge Anti-Climacus, o pseudônimo tardio que efetivamente encerra a produção literária/pseudonímica kierkegaardiana – daí para frente o filósofo de Copenhague só escreverá e publicará textos sob seu próprio nome, sejam de caráter exortativo (como os seus discursos religiosos) sejam de caráter polêmico e panfletário (que são os que cabalmente marcam esta última fase).

⁶ Cf. KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X4 A 553. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

a cada momento, mas então ela certamente tem de conhecê-lo. O ético não começa com a ignorância que deve ser trocada pelo conhecimento, mas começa com um conhecimento e exige uma realização. Trata-se, aqui, de se ser incondicionalmente consistente. A menor incerteza na atitude – e então a confusão moderna se apoderou de nós. Se alguém dissesse: primeiro tenho que saber o que o ético é – quão plausível –, especialmente porque desde crianças estamos acostumados a indagar. Mas o ético responde de modo totalmente consistente: patife, você quer dar desculpas e procura por pretextos. Se alguém dissesse: há conceitos bastante diferentes acerca do ético em diferentes países e em diferentes épocas. Como se põe um fim a essa dúvida? Ela pode resultar em artigos acadêmicos e ainda assim não encontrar um termo, mas o ético agarra o indagador com consistência ética e lhe diz: que preocupação é essa a sua? Você deve realizar o ético a cada momento e você é eticamente responsável por cada momento que você desperdiça.⁷

É na comunidade que os padrões éticos mais elevados são postos em prática. Porém, a despeito do protesto do filósofo dinamarquês, caberia ainda a pergunta: quais padrões éticos são esses? Certamente Kierkegaard não se referia ou não tinha em mente os valores burgueses da sua época. Ainda que possuíssem de fato a sua validade, tais valores jamais poderiam constituir ou expressar o verdadeiramente ético, o ético na sua forma mais elevada. A razão disso é que a ética assim entendida estaria subordinada aos interesses da própria coletividade e, portanto, a fins temporais e relativos. A ética na sua forma mais elevada deve subordinar-se diretamente ao absoluto – e este absoluto para Kierkegaard é Deus. A cristandade peca na medida em que confunde os valores cristãos e a sua exigência absoluta com os valores burgueses e os seus fins relativos. Já podemos deduzir então que Deus exerce um papel fundamental naquilo que o nosso filósofo chama de comunidade – ou verdadeira comunidade, em contraposição àquela forma ilusória de comunidade que é a cristandade. A comunidade, diferentemente da cristandade, encarna o ideal cristão e se identifica, assim, com o próprio cristianismo.

Tudo o que o filósofo dinamarquês já disse acerca do conceito de comunidade se baseia em algumas passagens esparsas e, fundamentalmente, em duas que a meu ver são cruciais. Ambas as passagens se encontram nos seus diários. A primeira data de 1846:

⁷ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. VIII 2 B 81. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

A dialética da comunidade ou sociedade é a seguinte:

- 1) os indivíduos que, na relação, se relacionam um com o outro são individualmente inferiores à relação. Do mesmo modo que cada membro do corpo é individualmente inferior ao corpo inteiro e que um corpo celeste sozinho é inferior ao sistema solar.
- 2) os indivíduos que, na relação, se relacionam um com o outro são individualmente iguais à relação. Do mesmo modo que no amor terreno cada um individualmente é algo por si só, conquanto a necessidade da relação seja a mesma para ambos.
- 3) os indivíduos que, na relação, se relacionam um com o outro são individualmente superiores à relação. Do mesmo modo que na forma religiosa mais elevada. O indivíduo se relaciona primeiramente com Deus e então com a comunidade; mas essa primeira relação é a mais elevada, embora ele não descuide da segunda.⁸

Vemos que Kierkegaard concebe três tipos de relação entre os indivíduos e o grupo: 1) a parte (o indivíduo) é inferior ao todo (o grupo); 2) a parte é igual ou tão importante quanto o todo; 3) a parte é superior ao todo. No primeiro caso o grupo não é apenas quantitativamente superior ao indivíduo, mas também se julga qualitativamente superior, uma vez que essa superioridade numérica acaba sendo confundida com uma superioridade qualitativa. Neste tipo de relação o indivíduo só tem valor na medida em que se encontra respaldado e integrado num determinado grupo; fora dele, ele não é nada. No segundo caso há uma relação de equidade ou de equilíbrio entre o indivíduo e a sociedade, de tal forma que a sua mútua cooperação faz com que, qualitativamente falando, ambos se completem.

No último caso e, para nós, o mais importante, o indivíduo é qualitativamente superior ao grupo. A sua superioridade qualitativa significa tão-somente que o seu valor não depende, em última instância, do fato de ele estar incluído ou ser respaldado por qualquer grupo; o que, por sua vez, significa que o numérico (a soma total dos indivíduos) não é a determinação essencial nem para o indivíduo nem para a verdadeira comunidade. Não é por acaso que Kierkegaard traça um paralelo entre esse tipo de associação e a forma religiosa mais elevada. Para o autor dinamarquês, a determinação essencial do indivíduo e que o eleva acima do numérico é Deus. No entanto – Kierkegaard faz questão de deixar isso claro – tal superioridade não

⁸ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. VIII A 20. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

implica um descuido ou menosprezo com relação ao grupo do qual o indivíduo faz parte. Pelo contrário, o grupo é fortalecido quando o indivíduo, relacionando-se primeiramente com Deus, passa então a se relacionar com os outros. Esta é a própria ideia de comunidade.

A outra passagem de grande importância na qual o nosso filósofo desenvolve um pouco mais a sua concepção acerca do tema da comunidade aparece quatro anos após aquela primeira, em 1850:

A diferença entre “multidão”, “público” – e “comunidade”
No “público” e afins o indivíduo não é nada, não há nenhum indivíduo, o numérico é o constituinte e a lei da gênese de uma *generatio aequivoca* [geração espontânea]; à parte do “público” o indivíduo não é nada e no público ele é, bem entendido, menos do que nada.

Na comunidade o indivíduo é; o indivíduo é dialeticamente decisivo como elemento primordial para formar a comunidade, e na comunidade o indivíduo é qualitativamente essencial, podendo também a cada momento se tornar maior que a “comunidade”, isto é, tão logo “os outros” declinem da ideia. A coesão da comunidade se baseia no fato de que cada pessoa é um indivíduo, e então na ideia; a junção do público ou a sua frouxidão se baseia no fato de que o numérico é tudo. Cada indivíduo garante a comunidade; o público é uma quimera. O indivíduo é, na comunidade, o microcosmo que qualitativamente reflete o macrocosmo; aqui é válido, no bom sentido, *unum noris omnes* [quem conhece um, conhece todos]. No público não há nenhum indivíduo, o todo não é nada; aqui é impossível dizer *unum noris, omnes*, pois aqui não há nenhuma pessoa. A “comunidade” é bem mais que uma soma; na verdade, é todavia uma soma de indivíduos. O público é um disparate: uma soma de indivíduos negativos, de indivíduos que não são indivíduos, que se tornam indivíduos por causa da soma, em vez de a soma vir a se tornar soma por causa dos indivíduos.⁹

Nesta passagem Kierkegaard retoma a ideia de que nem todo tipo de associação é uma comunidade. Vai, contudo, mais além ao identificar e nomear aquela forma específica de associação que representa não só o exato oposto da comunidade, mas também a maior ameaça à sua existência. Encontramos, assim, uma distinção essencial

⁹ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X2 A 390. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

entre comunidade (*Menighed*) e multidão (*Mængde*). A multidão é uma entidade numérica: as pessoas que a compõem não são importantes em si mesmas, mas apenas na medida em que formam um conjunto, o qual é considerado, em todos os aspectos e a cada momento, superior aos indivíduos. Na multidão a única coisa que se espera dos indivíduos é que abram mão da sua individualidade e autonomia e as transfiram para o grupo. É por isso que Kierkegaard chega ao extremo de afirmar que, a rigor, não existem pessoas na multidão e que a multidão é, ela mesma e na sua totalidade, menos do que nada. Em seguida, vemos que na multidão a validade de uma proposição ou de uma ideia não se baseia naquilo que é dito, e sim se a maioria o diz, se a maioria o sustenta. Na comunidade, ao contrário, o indivíduo é a instância superior, de tal modo que a validade dos valores e crenças que a compõem não tem ou não deve ter um caráter compulsório, mas sim passar antes pelo crivo da consciência de cada indivíduo.

Os dois excertos acima sintetizam o que de mais importante, claro e direto Kierkegaard escreveu sobre a comunidade. No entanto podemos encontrar outras passagens que reforçam o que já foi dito naquelas duas. Entre 1849 e 1850, por exemplo, Kierkegaard anota no seu diário uma ideia especialmente concebida para uma das seções que viriam a compor o seu livro intitulado *Sobre a minha obra como autor*, publicado em 1851:

... E na medida em que há, de um ponto de vista religioso, a “comunidade”, então esse é um conceito que se encontra no outro lado do “indivíduo”; “o indivíduo” deve intervir com determinação ética como o termo médio a fim de assegurar que a “comunidade” não seja tomada em vão como sinônimo de público, multidão, etc.; e ainda se deve ter em mente o fato familiar que não é a relação do indivíduo com a comunidade que determina a relação dele com Deus, mas a relação dele com Deus é que determina a sua relação com a comunidade. Então, também, há – isso deve ser incluído – a relação mais elevada de todas, na qual “o indivíduo” é absolutamente maior do que a “comunidade”, o indivíduo *κατ’ ἐξοχήν* [por excelência], o Deus-homem, o juiz no Velho Testamento, o apóstolo no Novo, embora estes confessem com reverência que têm autoridade divina a fim de servir à comunidade. – Consequentemente, de um ponto de vista religioso, há apenas o indivíduo (em contraste com o “público”, “multidão”, etc., os quais podem ter validade política) [...].¹⁰

¹⁰ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X5 B 245. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

Para Kierkegaard, a comunidade é um conceito religioso e deve, portanto, ser tratada como tal. Querer avaliá-la a partir de critérios estritamente sócio-políticos seria incorrer numa incompreensão. Deus ou, mais especificamente, o Deus-homem do qual Kierkegaard nos fala é o Modelo (*Forbillede*) em torno do qual a comunidade se organiza e, acima de tudo, o objeto da fé cristã. Então, para falarmos sobre a comunidade, temos necessariamente de falar sobre algumas noções-chave do cristianismo como, por exemplo, a imitação (*Efterfølgelse*) com relação ao Modelo (Cristo) e, conseqüentemente, sobre aquele elemento que faz com que um indivíduo se disponha a segui-lo mesmo com toda a expectativa de vir a sofrer, temporalmente falando, por isso: estamos falando da gratidão, a qual está intimamente ligada ao conceito de graça.

Parece que com o passar dos anos, entre 1853 e 1855, Kierkegaard se torna mais atento e sensibilizado ao papel da graça (*Naade*) e embora ainda enfatize a renúncia e o sofrimento como indicadores de um verdadeiro imitador de Cristo, desloca-os do centro e põe a graça em primeiro lugar. Segundo o filósofo dinamarquês, enquanto os cristãos primitivos pensavam que odiar a si mesmos era sinônimo de se flagelar e se entregar ao martírio, Lutero teria enfatizado que odiar a si mesmo é fundamentalmente saber-se dependente da graça, o que faz com que um indivíduo vá de encontro à sua própria razão – a graça está acima de todo cálculo humano – e a tudo o que ele possa considerar como sendo o seu próprio merecimento.¹¹

Para Kierkegaard, o homem só pode ser salvo pela graça, nunca por seus próprios méritos, os quais serão sempre insuficientes. A graça é essencialmente isto: a gratuidade do amor e da salvação que é dispensada a cada indivíduo em particular. Entretanto o indivíduo não deve se acomodar à custa de tal gratuidade, como se ela fosse um salvo-conduto que o liberasse de toda e qualquer responsabilidade, mas deve, pelo contrário, esforçar-se para manifestar a sua gratidão (*Taknemlighed*) da maneira mais apropriada, qual seja, sacrificando-se pelo seu próximo, tal como Cristo fez por ele. O esforço da imitação nasce de um profundo sentimento de gratidão com relação ao seu salvador – que então passa a ser o seu modelo. Antes de tudo, Cristo é o salvador em relação ao passado: o indivíduo necessitado *foi* salvo, isto é, encontrou a ajuda que procurava. Mas daí em diante Cristo deve se tornar não apenas o salvador, mas também o modelo. Na primeira situação enfatiza-se a graça; na segunda, a

¹¹ Cf. KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X5 A 96 n.d., 1853. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

imitação. A graça se dirige àquelas ações que já foram consumadas e que, portanto, não podem mais ser modificadas (mas em relação às quais o indivíduo ainda pode se arrepender), ao passo que a imitação se volta para aquilo que um indivíduo deve se tornar.¹² Contudo a graça não se restringe aos fatos passados, e se se dirige a eles não é por outro motivo senão o de apontar e convidar em direção a uma nova vida.

Segundo Kierkegaard, podemos nos relacionar com a graça de duas maneiras: colocando-a em primeiro lugar ou em segundo lugar. Pôr a graça em primeiro lugar significa que o indivíduo ainda não possui uma relação efetiva com o Modelo e parte do pressuposto ou da constatação de que não é capaz de, por suas próprias forças, abraçar o cristianismo, se assemelhar a Cristo, ser cristão – e assim conta com a graça para consolá-lo, ajudá-lo e, apesar da sua condição, ou melhor, por causa mesmo da sua condição, salvá-lo. Como reconhece a sua indisposição de se assemelhar ao Modelo, este indivíduo ainda mantém uma relação autêntica com o cristianismo. A graça em primeiro lugar está fundamentalmente relacionada ao futuro e, portanto, à esperança que alivia a angústia de saber-se alguém do Modelo e que anima a não desistir por completo de se estabelecer um relacionamento mais próximo com ele.

Por outro lado, a graça em segundo lugar se relaciona mais propriamente com aquela consciência que já trava uma relação intensa com o Modelo e que realiza os seus maiores esforços para se assemelhar a ele. Apesar da nomenclatura, o sujeito que põe a graça em segundo lugar se reconhece profundamente dependente dela – uma vez que ela, e só ela, o anima e lhe dá forças para continuar no caminho da imitação malgrado todo o sofrimento. Este tipo de consciência e de relação com a graça é própria dos apóstolos, mártires e das testemunhas da verdade, pois “[...] quanto mais adiantada uma pessoa se encontra, mais ela descobrirá que necessita da expiação e da graça”.¹³ Como a graça em segundo lugar é considerada posteriormente, isto é, após a imitação já ter sido posta em curso, ela acaba agindo de maneira retroativa, voltando-se ao passado e, portanto, ao arrependimento: seja o de ter, em algum momento, se achado autossuficiente seja o de não ter agido em perfeita conformidade com o Modelo.

A graça em primeiro lugar e a graça em segundo lugar se complementam e não passam de dois aspectos – conforme se olhe para trás ou para frente – de uma

¹² Cf. KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X5 A 44. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

¹³ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X4 A 491. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

única e mesma coisa. Como Kierkegaard gostaria que a cristandade (*Christenbed*) ao menos admitisse a sua distância em relação ao verdadeiro cristianismo (*Christendom*), ele pessoalmente acaba se inclinndo mais à graça em primeiro lugar. Por outro lado, o filósofo dinamarquês também chama a atenção para o fato de que quando se descarta completamente e de antemão a imitação, a graça passa a ser apropriada indevidamente pelas pessoas, tornando-se mera indulgência, uma desculpa para se evitar o sofrimento e se aproveitar a vida o máximo possível. E é justamente com o intuito de evitar essa apropriação abusiva que Kierkegaard enfatiza dialeticamente a graça em segundo lugar durante o seu ataque à cristandade, acusando os seus contemporâneos de negligenciarem a importância e a urgência da imitação. A graça é um dom que deve ser posto em prática em benefício do próximo, e não um pretexto para que um indivíduo se sinta livre para realizar os seus desejos egoístas. Quem usa a graça como pretexto não conhece nem manifesta a verdadeira gratidão com relação ao Modelo.

Segundo Kierkegaard, por mais que o sofrimento que deriva da relação com o Modelo e, conseqüentemente, da colisão com o mundo seja, de fato, inevitável, a lógica não deve ser: sofro, logo serei salvo pelos meus próprios esforços, mas sim: entro em relação com Deus, logo sofro, sem que a minha salvação dependa do meu sofrimento, mas da sua graça.¹⁴ A graça livra o homem da aflição de ter de achar que está exclusivamente em suas mãos a sua própria salvação – pois, se assim o fosse, ele já estaria condenado, dado a sua natureza pecaminosa. Só o discípulo (o imitador) sabe reconhecer o valor absoluto da graça. A sua vida expressa a dialética própria do cristianismo e que aqui podemos entender como a oposição entre esforço e gratuidade. Aquele que anuncia a graça, mas cuja vida não é pautada pelo Modelo, mantém uma relação puramente poética ou intelectual com ela, e não existencial, que é o domínio por excelência em que a graça se manifesta. Por outro lado, aquele que subestima a graça e que se fixa exclusivamente na imitação, nem entendeu o que é a verdadeira imitação nem muito menos conseguiu ter a exata dimensão da absurdidade da graça.

Conforme a crença cristã de Kierkegaard, um evento absurdo tomou lugar na história da humanidade: Deus se tornou homem! A este acontecimento, uma segunda absurdidade foi acrescentada: a exigência de se ter de assemelhar-se a Deus! Tanto aquele evento como esta exigência não se relacionam propriamente com o

¹⁴ Cf. KIERKEGAARD, S. *Journals and Papers*. Pap. X4 A 593 n.d., 1852. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

intelecto, o qual os repele, mas com a graça. É por um livre e gratuito ato de amor que Deus se fez homem; e juntamente com a exigência da imitação, foi dada ao homem a condição de cumpri-la: pela graça. Mas mesmo quando ele não é capaz de cumpri-la, a graça intervém mais uma vez, pois, em última instância, é ela (e não a imitação) a única responsável pela salvação. Esta afirmação é simples, mas poderia suscitar a seguinte dúvida: por que então se submeter aos sofrimentos da imitação? A resposta é ainda mais simples: porque pela imitação o homem manifesta a sua gratidão por aquele que o ajudou, que o acolheu, que o amou e que o salvou. Poderíamos, todavia, nos perguntar: mas então a imitação é, de algum modo, necessária? Ora, ela é fruto do amor e o amor constrange mais, infinitamente mais, do que qualquer exigência ou necessidade exterior:

Ó, meu amigo, todo grande homem entende muito bem que isso é, de fato, aquilo que mais te coage, entende as palavras do Apóstolo, “O amor de Cristo me constrange” – sim, ele constrange como nenhuma lei e nenhum castigo e nenhum poder pode constranger.¹⁵

Uma vez que a graça precede a imitação, esta última não é uma condição necessária para a salvação. Só e tão-somente a graça é condição necessária e absoluta. “Há graça; – diz Kierkegaard – por meio da fé na expiação, você é perdoado. Tão infinitamente generosa é a graça”.¹⁶ O rigor da imitação é livremente escolhido e abraçado, do contrário não se poderia falar de imitação, mas de um simples macaquear (*Efterbelse*).¹⁷ Aqueles poucos que foram escolhidos diretamente por Cristo ou que se candidataram a si mesmos – por gratidão e amor – a se sacrificarem pelo próximo estão naturalmente sujeitos às maiores cobranças no que toca ao seu desempenho com relação à imitação. Por outro lado, Kierkegaard também faz questão de enfatizar que a exigência do cristianismo é voltada a todas as pessoas, cada uma em particular, e que portanto ninguém deveria se sentir isento de prestar contas ao Modelo.

¹⁵ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X5 A 50. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

¹⁶ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X5 A 27. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

¹⁷ Cristo exige ou convida à imitação? A meu ver, Kierkegaard, para fins retóricos, emprega o verbo exigir. Mas, na verdade, é a gratidão por ter sido ajudado que impele o indivíduo a imitá-lo e que o faz sentir eventualmente culpado em negligenciá-lo. “Mesmo se isso não fosse exigido, isso deve ser simplesmente o que o homem superior, por si só, deve desejar”, sublinha Kierkegaard (**Journals and Papers**. Pap. X4 A 639. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967).

Todavia essa última ênfase se deve, a meu ver, ao fato de que o filósofo dinamarquês queria restabelecer alguma ordem na cristandade, chamando a atenção para a importância da imitação no cristianismo e na vida do cristão, e também porque desejava que as pessoas tivessem ao menos a humildade e a decência de assumirem que não se dispuseram a comprometer-se com a imitação (e, por conseguinte, com o Modelo) ou que foram incapazes de empreender tal tarefa, haja vista a sua extrema dificuldade. De acordo com a doutrina neotestamentária – à qual Kierkegaard, como cristão, adere –, Cristo é o cumprimento da lei, cujo rigor mediava a relação entre Deus e os homens no tempo dos primeiros profetas. Mas sendo Cristo, ele próprio, o pleno cumprimento da lei, pela sua vida a humanidade teria passado do jugo da lei para a plenitude da graça. Portanto a imitação não é uma exigência da lei, mas expressão de gratidão. “A imitação ou discipulado não vem primeiro, – diz Kierkegaard – mas a ‘graça’; então a imitação se segue como um fruto da gratidão, tão bem quanto se é possível”.¹⁸

A graça e a salvação são distribuídas independentemente dos esforços e méritos pessoais, portanto independentemente de o indivíduo praticar ou não a imitação, o que, em outras palavras, significa: independentemente de ele ser ou não cristão. Contudo só aquele que se esforça para imitar o Modelo é capaz de dar um verdadeiro testemunho do que é ser cristão e, por meio deste testemunho, manifestar ainda mais intensamente o que vem a ser a graça. Kierkegaard escreve uma bela passagem sobre esta relação de gratidão que liga o homem ao seu Modelo e que o encoraja a segui-lo apesar de todos os contratempos:

Relaxe um pouco; existe e permanece válida a garantia eterna de que um homem é salvo apenas pela graça. / Relaxe um pouco, mas então comece de novo. Ah, não é verdade que seria para o homem a mais desprezível ingratidão poupar-se de todo esforço porque ele é salvo pela graça? Ou o que você pensaria de um homem que ficou frio e indiferente com a sua esposa porque ele sabia que era amado e se esforçasse apenas quando ele soubesse que não era amado e desejasse conquistar o amor dela?¹⁹

¹⁸ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X3 A 667. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

¹⁹ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X4 A 593 n.d., 1852. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

Há de se acreditar no perdão e acreditar que aquele que está à sua frente pode perdoá-lo, a fim de se ser perdoado. Há de se lançar com paixão à possibilidade da salvação e àquele que pode salvá-lo, caso se queira ser salvo. Procuramos o perdão porque somos movidos por um sentimento de amor-próprio, porque queremos nos livrar de alguma culpa que nos atormenta, porque desejamos nos sentir bem outra vez; enfim, porque nos importamos com nós mesmos. Contudo, uma vez perdoados, uma vez restituída a nossa autoestima, não devemos estacionar no nosso próprio egoísmo, mas sermos gratos àquele que nos ajudou. De modo que, se antes buscávamos o nosso próprio bem, agora, por gratidão, imitamos aquele que nos ajudou e passamos, nós também, a ajudar os outros, a ajudar aqueles que estão na mesma situação em que nos encontrávamos. A paixão egoísta é transformada em amor abnegado. Escreve Kierkegaard: “Ele [Cristo] aprovou a sua prova, desenvolveu o arquétipo, está agora na majestade: e acontece como em outros casos, quando alguém que superou a prova se dedica a ajudar aos demais para que a superem”.²⁰

Amar é querer ser como o amado, é abrir mão dos seus próprios interesses ou fazê-los convergir com os interesses do amado. O amor nasce da gratidão por ter sido salvo – e se é salvo de muitas maneiras, porque há muitos modos de se desesperar. É justamente esta gratidão que, procurando retribuir o bem que recebeu e admirando intensamente o seu benfeitor, encontra na imitação a forma mais adequada de se expressar. No caso específico do cristianismo, este benfeitor é o Modelo.²¹ Já a ingratidão é, ao contrário, amar mais a si mesmo do que aquele que fez o maior dos sacrifícios por você. Aqui, parte-se do amor-próprio e continua-se nele, enquanto o propriamente edificante e elevado é partir do amor-próprio (a busca da própria salvação) e, em gratidão, permitir que ele se transforme em amor ao outro. Negar-se a si mesmo não é deixar de sentir amor-próprio; é, ao contrário, não direcioná-lo ao ganho de externalidades, de poder, dinheiro ou prestígio, mas sim à gratidão de ter sido ajudado, acolhido, amado – mesmo sem merecê-lo.

A imitação ensina o homem a primeiramente tornar-se responsável pelas suas ações e, não obstante, a tornar-se igualmente dependente da graça. Só então, quando movido por uma extrema gratidão e amor em relação àquele que o ajudou e de quem, agora, se tornou seguidor, é que o indivíduo suporta com uma alegria

²⁰ KIERKEGAARD, S. **Ejercitación del cristianismo**. Trad. Demetrio Gutiérrez Rivero. Madri: Editorial Trotta, 2009, p. 187.

²¹ Cf. KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X4 A 589. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

amorosa todos os sofrimentos que a imitação supõe. “Então – explica Kierkegaard – surgem o consolo e a felicidade – e então não seria impossível para um homem ser de tal forma movido por todo esse amor e se sentir tão ditoso que se torna, para ele, a alegria do amor morrer para o mundo”.²² Aquele que estava ao seu lado no tempo de luta é o que será lembrado no momento do triunfo – isso se chama gratidão. A gratidão especificamente cristã está relacionada à “loucura” de se deixar ajudar por um homem que, necessitado de tudo, diz ser Deus; está relacionada à loucura de confiar neste homem e de segui-lo, e contrair, com isso, todos os sofrimentos que tal relação implica. A imitação não seria possível se não estivesse firmemente apoiada no amor e na graça. Kierkegaard diz que

[...] cada um em particular, na tranquila interioridade diante de Deus, há de humilhar-se quando pergunta o que significa ser cristão no sentido mais rigoroso, quer dizer, reconhecendo sinceramente diante de Deus onde se está, mas entregando-se dignamente à graça, que se oferece a todos os imperfeitos, quer dizer, a cada um. E nada mais. [...] Na linguagem tremenda da lei tudo isso soa aos ouvidos de uma maneira tremenda, porque expressa como se fosse o homem quem com sua própria força tivesse de se manter unido a Cristo, em vez de estar sustentado por Cristo como expressa a linguagem do amor.²³

Contudo este mesmo Kierkegaard alerta que essa linguagem amorosa da graça não deve ser confundida com um excesso de suavidade. O excesso de suavidade – uma suavidade mesquinha, preguiçosa e sagaz – é precisamente o que decretou o fim do cristianismo e a sua substituição pela cristandade. Porém o filósofo dinamarquês admite que, apesar de tudo, ele também sentia necessidade de suavidade e que, por sua parte, ele nunca deixou de ser suave com aqueles que precisavam, que buscavam alguma forma de conforto. Pelo contrário: Kierkegaard encontrava alegria em ajudar o próximo. O que não se deve, entretanto, é confundir suavidade com alguma espécie de condescendência covarde ou apática, pois não era este tipo de suavidade que o filósofo de Copenhague desejava para si ou para os seus contemporâneos. Além disso, Kierkegaard se defende da acusação de que ele, quase que sadicamente, esperava que todo e cada cristão fosse um mártir. Tudo o que ele pedia é que os

²² KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X4 A 352. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

²³ KIERKEGAARD, S. **Ejercitación del cristianismo**. Trad. Demetrio Gutiérrez Rivero. Madri: Editorial Trotta, 2009, p. 88.

cristãos reconhecessem que estão infinitamente longe do Modelo e que tivessem a humildade de confessar a si mesmos que não estavam dispostos a realizar o ideal cristão. Todo o resto gira em função disso. Anti-Climacus, um dos pseudônimos de Kierkegaard, parece expressar muito bem os sentimentos do seu criador neste trecho:

Jamais encontrei a minha alegria em “atemorizar”; estou convencido de que posso falar suave e tranquilizadamente aos que sofrem, aos enfermos, aos entristecidos; eu sei muito bem que essa tem sido a minha alegria. Jamais afirmei que todo cristão é um mártir, ou que ninguém é um verdadeiro cristão se não for mártir, o que digo é que todo cristão que se tenha por tal – entre os quais eu me conto também – para poder ser cabalmente um verdadeiro cristão há de fazer a humilde concessão de que tem seguido um caminho muito mais fácil do que os cristãos verdadeiros no sentido mais rigoroso.²⁴

“É por pura graça que um homem é salvo”,²⁵ escreveu Kierkegaard em um dos seus diários. Mais do que efetivamente se assemelhar a Cristo, o que realmente importa é a sincera disposição de se assemelhar a ele. A ênfase, portanto, é sempre subjetiva, não condicionada a fatores externos que poderiam determinar objetivamente essa disposição como bem ou mal sucedida e, portanto, aferir assim a sua validade. Se a ênfase recaísse na objetividade, então não se trataria mais de um assunto de consciência, mas de uma decisão cuja validade estaria condicionada a critérios exteriores. O que, bem entendido, não nos exime da nossa responsabilidade de transformar a nossa gratidão em ação. Kierkegaard era extremamente severo com relação a si próprio e crítico com respeito aos seus contemporâneos: com relação a si porque se considerava, apesar de todos os seus esforços, aquém do ideal cristão; com respeito aos seus contemporâneos porque os acusava de reduzirem o ideal cristão para que este pudesse se ajustar aos seus próprios interesses. Contudo nem isso o impediu de achar que, se se tratasse de merecimento, era *ele* quem ficaria excluído da vida eterna e não os outros. Pelo menos é esse sentimento que o filósofo dinamarquês expressa através de outro de seus pseudônimos, Johannes Climacus:

Enquanto por isso muitas vezes se viu no mundo uma individualidade religiosa petulante que, ela mesma tão desmedidamente segura em sua relação para com Deus e

²⁴ KIERKEGAARD, S. **Ejercitación del cristianismo**. Trad. Demetrio Gutiérrez Rivero. Madri: Editorial Trotta, 2009, p. 225.

²⁵ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X3 A 409. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

atrevidamente convencida de sua salvação, com muita presunção gasta seu tempo em duvidar da dos outros e em ajudá-los, eu acredito que seria um discurso apropriado para uma pessoa verdadeiramente religiosa, se ela dissesse: Não duvido da salvação de ninguém; a única pela qual temo é a minha própria; mesmo que veja uma pessoa caída muito fundo, jamais ousou desesperar de sua salvação, mas, se se tratasse de mim mesmo, então decerto seria forçado a encarar o terrível pensamento. Uma individualidade autenticamente religiosa é sempre tão doce para com os outros, tão criativa ao imaginar desculpas; só em relação a si mesma ela é fria e rigorosa como um grande inquisidor. Com os outros, ela é como um idoso benevolente costuma ser com um jovem; só em relação a si mesma ela é velha e incorruptível.²⁶

Essa intransigência com respeito à possibilidade da própria salvação, essa tendência de sacrificar-se a si mesmo e preservar o outro é a marca mais distintiva do amor ao próximo e, por extensão, de uma verdadeira comunidade. Contudo não está em nossas mãos salvar o outro para a eternidade. Isso não podemos fazer. No entanto o amor que nos liga ao Modelo e, conseqüentemente, ao próximo é tão forte que aceitamos – não, não se trata de resignação – que *desejamos* segui-lo aonde quer que ele for – inclusive para dentro de seu próprio aniquilamento. Tampouco podemos querer nem aceitar a nossa salvação se sabemos que o nosso amado, o nosso próximo, está excluído dela. E uma vez que, de acordo com Kierkegaard, todos são os nossos próximos, uma vez que todos e absolutamente todos devem ser objetos do nosso amor, então só restam duas possibilidades: ou cada um dos homens e mulheres santos, cada um daqueles que dedicaram as suas vidas a amar ao próximo, está condenado ou, contrariamente, para que nem o santo nem o pecador se percam, estão todos salvos. Não é à toa que Johannes Climacus afirma que “[...] o amor é superior quando une os iguais, mas se torna triunfante quando iguala no amor o que antes era diferente!”²⁷ E se as palavras de Climacus não forem suficientes para expressar a dimensão deste amor, fiquemos então com a comparação que Kierkegaard realiza a respeito da sua grandeza e gratuidade:

²⁶ KIERKEGAARD, S. **Pós-escrito às Migalhas filosóficas**. Vol. II. Trad. Álvaro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016, p. 106, em nota de rodapé.

²⁷ KIERKEGAARD, S. **Migajas Filosóficas o Un Poco de Filosofía**. Trad. Rafael Larrañeta. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 42.

Tome a relação amorosa humana. O amante não deveria se torturar, imaginando se a cada momento ele cumpre cada exigência possível do seu amado. Isso não é amor, mas fazer por merecer amor, querer merecê-lo, e esquecer-se que o amado não é um credor, mas um amante. Não, começa-se com a alegria de ser amado – e então vem o esforço de querer agradar, o qual é continuamente encorajado pelo fato de que mesmo se ele não agrada, ainda assim ele é amado.²⁸

O esforço de querer agradar brota da gratidão, que é essa força que leva ao processo de identificação com o objeto amado. No caso da comunidade, tornar-se como o objeto amado significa amar ao próximo, uma vez que o Modelo, sendo puro amor, ama a todos. Uma comunidade ideal seria aquela em que cada indivíduo amasse o seu próximo e em que, conseqüentemente, cada indivíduo fosse si mesmo. Falo em termos de consequência porque este movimento amoroso em direção ao próximo só é possível se, em primeiro lugar, o indivíduo se mover em direção a si mesmo, em direção à sua própria interioridade. É através deste processo que ele é capaz de encontrar o Modelo e, a partir deste, o próximo. O indivíduo não deve resignar-se em ser apenas um mero membro da multidão, de modo que a sua identidade dependa essencialmente do grupo ao qual pertence e que a sua relação com o próximo seja, ao mesmo tempo, superficial e marcada por aquele simulacro de igualdade que é o nivelamento político – porque, em última instância, tanto a multidão quanto a cristandade são associações políticas, isto é, voltadas aos interesses temporais e apoiadas na coletividade.

Se a consciência profunda de si e a igualdade perante o próximo não podem ser verdadeiramente atingidas por meio da política – já que, segundo Kierkegaard, a política pertence ao âmbito temporal e já que este último, por sua vez, é regido pelo princípio da diferença –, e se a comunidade deve ser fundada e zelar pela igualdade dos indivíduos que a compõem, então a comunidade não é uma organização política e temporal, mas de outra ordem, a saber, espiritual. A verdadeira comunidade ou comunhão entre os seres humanos não se restringe a quaisquer determinações políticas, sociais, culturais, econômicas; em suma, não se restringe a nada que for temporalmente estabelecido. Somente esta comunidade invisível é plenamente

²⁸ KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X3 A 667 n.d., 1850. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

cosmopolita. Mas mesmo se tal comunidade pudesse ser efetivamente estabelecida sobre a Terra, ela ainda assim sofreria o repúdio e desprezo dos homens; seria desacreditada, criticada e atacada por todos os lados, uma vez que os homens, sendo naturalmente egoístas, preferem fazer parte de um grupo em que o seu próprio benefício esteja em primeiro lugar a pertencer a um em que tenham de se sacrificar pelo próximo. Escreve Kierkegaard:

Talvez soasse como uma terrível caçoada sobre aquilo que o mundo chama de amor, porém talvez pudesse ao mesmo tempo operar como um saudável despertar, se alguém nesses tempos em que formam tantas sociedades, anunciasse o seu desejo de fundar uma tal associação de amor. Pois o mundo pode compreender, quando alguém quer fazer todos os sacrifícios, e aí se encontra um monte de gente que na maior comodidade deseja tirar vantagem de seus sacrifícios; esta espécie de participação que quer a participação integral nos lucros, contudo, não quer submeter-se nem mesmo à metade dos trabalhos, disso o mundo está repleto. E é evidente, a verdadeira participação também pode ser encontrada aqui na terra, mas onde quer que a encontres, tu a encontrarás odiada e perseguida no mundo.²⁹

A comunidade não é uma construção política, mas espiritual. Portanto todas as tentativas de expressá-la temporalmente estarão sempre aquém, por muito cheias de boa-vontade, compaixão, misericórdia ou amor que estejam, daquela igualdade essencial e absoluta a partir da qual os indivíduos estabelecem uma autêntica comunidade. Kierkegaard critica a pretensão de substituírem a igualdade essencial pela igualdade sócio-política ou de acharem que a igualdade essencial é atingida por meio da igualdade sócio-política. O fundamento daquela igualdade essencial na qual a comunidade está baseada é o ideal cristão do amor. Tal amor não exige reciprocidade: basta que o amoroso pressuponha amor na outra pessoa. Como este amor não é um amor preferencial, todos devem ser igualmente amados, porque todos se enquadram na categoria do próximo. Deste modo, talvez pudéssemos afirmar que bastaria que houvesse um único indivíduo amoroso para que esta comunidade espiritual fosse estabelecida, uma vez que tal indivíduo poderia pressupor o amor em todas as pessoas – porque todas são o seu próximo – sem precisar esperar o amor em

²⁹ KIERKEGAARD, S. **As Obras do Amor**: Algumas considerações cristãs em forma de discursos. Trad. Álvaro L.M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 148.

troca, um pouco à maneira do célebre argumento kierkegaardiano da ilha deserta³⁰ ou, ainda, um pouco à maneira da seguinte tese:

Essa é a tese – contanto que um único cristão verdadeiro, no sentido mais rigoroso, exista, o cristianismo existe; e, por outro lado, se houvesse 7 bilhões, 5 milhões, 696.734 ou 35 cristãos do tipo até-certo-ponto – por esta razão, o cristianismo não existiria.³¹

A comunidade é a expressão do ideal cristão, do próprio cristianismo. Então, o que vale para o cristianismo, vale igualmente para a comunidade. Assim, da mesma forma que é suficiente que haja um único imitador para que o cristianismo seja atualizado, também é suficiente que haja um único homem disposto a se sacrificar pelo próximo para que a comunidade se torne uma realidade. Mas atenção: suficiente, não desejável nem muito menos ideal. Pois, claramente, o desejável ou o ideal seria que cada um sentisse a mesma disposição de, por amor e gratidão, se sacrificar pelo bem do seu próximo, de modo a fortalecer os laços de solidariedade entre os indivíduos e o senso de responsabilidade de cada um deles. Todavia esse comprometimento mútuo não deve ser forçado nem pode ser uma condição de possibilidade para o advento da comunidade. E isto por dois motivos muito simples: em primeiro lugar, porque o amor cristão é completamente abnegado, isto é, não reivindica nada em troca; em segundo lugar, porque se a comunidade dependesse do número de pessoas que a compõem e da sua homogeneidade, então estaria condicionada ao numérico e, por definição, não se trataria mais de uma comunidade, a qual deve se apoiar no indivíduo (*den Enkelte*) – e independentemente de quem quer que ele seja, ele, assim como você e eu, estamos eternamente convidados a fazer parte dessa comunidade.

30 “Se um homem vivesse numa ilha deserta e conformasse seu sentido ao mandamento [de amar ao próximo], então poder-se-ia dizer dele que ama ao próximo, por renunciar ao seu egoísmo. É claro que ‘o próximo’ é em si uma multiplicidade, pois ‘o próximo’ significa ‘todos os homens’, e contudo, em um outro sentido, basta um único homem para que tu possas praticar a lei. Pois é uma impossibilidade, no sentido egoístico, conscientemente, ser dois para ser idêntico consigo mesmo; para isso o amor de si tem de estar sozinho. Mas também não são necessários três, pois se há dois, quer dizer, se há um único outro ser humano que tu no sentido cristão amas ‘como a ti mesmo’, ou em quem tu amas ‘o próximo’, então tu amas a todos os homens” (KIERKEGAARD, S. **As Obras do Amor**: Algumas considerações cristãs em forma de discursos. Trad. Álvaro L.M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 36-37).

31 KIERKEGAARD, S. **Journals and Papers**. Pap. X3 A 656 n.d., 1850. In: *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*. Vol.1-6. Ed. e trad. Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

REFERÊNCIAS

KIERKEGAARD, S. **As obras do amor**: Algumas considerações cristãs em forma de discursos. Trad. de Álvaro L.M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Ejercitación del cristianismo**. Trad. de Demetrio Gutiérrez Rivero. Madrid: Trotta, 2009.

_____. Journals and Papers. In: _____. **Søren Kierkegaard's Journals and Papers**. Ed. e trad. de Howard & Edna Hong. Bloomington: Indiana University, 1967. v. 1-6.

_____. **Migajas Filosóficas o Un Poco de Filosofía**. Trad. de Rafael Larrañeta. Madrid: Trotta, 2004.

_____. **Pós-escrito às Migalhas filosóficas**. Trad. de Álvaro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2016. v. 2.

